



O estruturalismo¹

*“O estruturalismo não é um método novo:
é a consciência desperta e inquieta do saber moderno”.*

Michel Foucault

Lês mots et lês choses, Gallimard, p.221

O Estruturalismo é uma modalidade de pensar e um método de análise praticado nas ciências do século XX, especialmente nas áreas das humanidades. Metodologicamente, **analisa sistemas em grande escala examinando as relações e as funções dos elementos que constituem tais sistemas**, que são inúmeros, variando das línguas humanas e das práticas culturais aos contos folclóricos e aos textos literários. Partindo da *Linguística* e da *Psicologia* do princípio do século XX, alcançou o seu apogeu na época da *Antropologia Estrutural*, ao redor dos anos de 1960. O Estruturalismo fez do francês Claude Lévi-Strauss o seu mais celebrado representante, especialmente em seus estudos sobre os indígenas no Brasil e na América em geral, quando se dedicou a “busca de harmonias insuspeitas”.

As fontes primeiras: Uma das suas primeiras fontes foi a escola psicológica inaugurada por *Wilhelm Wund* (1832-1920) que procurou determinar a *estrutura da mente* na tentativa de compreender os fenômenos mentais pela decomposição dos estados de consciência produzidos pelos estímulos ambientais. Para tanto, o psicólogo defendeu como linha de atuação o *introspeccionismo* (o “olhar para dentro”) na tentativa de fazer com que o pesquisador observasse e descrevesse minuciosamente suas sensações em função das características dos estímulos a que ele era submetido, afastado do relato tudo aquilo que fosse previamente conhecido. No campo da linguística, o trabalho do francês *Ferdinand de Saussure* (1857-1913) (*Cours de linguistique générale*, 1916, publicado pós-morte) serviu por muito tempo como o modelo da corrente estruturalista de formação francesa.

A linguística de Saussure

A característica do estruturalismo, baseado no inquérito linguístico de Saussure, centrou-se não no discurso próprio, mas nas *regras e nas convenções subjacentes que permitiam a língua operar: qual a lógica que subjaz oculta por detrás da fala das gentes*. Ao analisar a dimensão social ou coletiva da língua, ele abriu caminho e promoveu o estudo da gramática. Para melhor entendimento do estudo da linguagem separou-a em *langue* (língua, o sistema formal da linguagem que governa os eventos da fala) e *parole* (palavra propriamente dita, o discurso, ou os eventos da fala).



F. Saussure (1857-1913)

Saussure estava interessado na infra-estrutura da língua, aquilo que é comum a todos os falantes e que funciona em um nível inconsciente. Seu inquérito concentrou-se nas estruturas mais profundas da língua, mais do que nos fenômenos de superfície, *não fazendo nenhuma referência à evolução histórica dos idiomas*.

Sincronia e diacronia: Esta atitude científica, a de analisar o objeto do estudo em si, relacionado apenas com o que lhe era pertinente, quase que imóvel no tempo, ele chamou de *sincrônico*, contrapondo-o ao estudo histórico do mesmo, ao que ele chamou de *diacrônico*, onde a mudança está sempre presente. Fiel ao ideário *positivista*, ele opôs-se ao *evolucionismo*, ao *hegelianismo* e ao

¹ Fonte: educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2002/07/05/004.htm

marxismo que entendiam qualquer objeto ou fenômeno como resultante da história. Para ele o que interessava era quais eram os resultados extraídos da observação direta e o que podia apreender-se delas.

O estruturalismo - Lévi-Strauss e a antropologia estrutural

No campo dos estudos da antropologia e do mito, o trabalho foi levado adiante por Claude Lévi-Strauss, no período imediato à II Guerra Mundial, que divulgou e introduziu os princípios do estruturalismo para uma ampla audiência, alcançando uma influência quase que universal, fazendo com que o seu nome, 'Lévi-Strauss', não só se confundisse com o estruturalismo como se tornasse um sinônimo dele. O estruturalismo virou "moda" intelectual nos anos 60 e 70. Os livros dele ("O Pensamento Selvagem", "Triste Trópicos", "Antropologia estrutural", "As estruturas elementares do parentesco"...), tiveram um alcance que transcendeu em muito aos interesses dos especialistas ou curiosos da antropologia.



Claude Lévi-Strauss

Desde aquela época o estruturalismo de Lévi-Strauss tornou-se referência obrigatória na filosofia, na psicologia e na sociologia. De certo modo, ainda que respeitando a indiferença dele pela história ("*o etnólogo respeita a história, mas não lhe dá um valor privilegiado*", in *O Pensamento Selvagem*, 1970, pag.292), pode-se entender a antropologia estrutural como *um método de tentar entender a história de sociedades que não a têm, como é o caso das sociedades primitivas*.

A valorização das narrativas mitológicas: Enquanto a ciência racionalista e positivista do século XIX desprezava a mitologia, a magia, o animismo e os rituais fetichistas em geral, Lévi-Strauss entendeu-as como recursos de uma narrativa da história tribal, como expressões legítimas de manifestações de desejos e projeções ocultas, todas elas merecedoras de serem admitidas no papel de matéria-prima antropológica. Como é o caso de seus estudos sobre o mito (*Mythologiques*), cuja narrativa oral corria da esquerda para a direita num eixo diacrônico, num tempo não-reversível, enquanto que a estrutura do mito (por exemplo, o que trata do nascimento ou da morte de um herói), sobe e desce num eixo sincrônico, num tempo que é reversível. Se bem que eles, os mitos, nada revelavam sobre a ordem do mundo, serviam muito para entender-se o funcionamento da cultura que o gerou e perpetuou. A mesma coisa aplica-se com o totemismo, poderoso instrumento simbólico do clã para reger o sistema de parentesco, regulando os matrimônios com a intenção de preservar o tabu do incesto (cada totem está associado a um grupo social determinado, a uma tribo ou clã, e todo o sistema de casamentos é estabelecido pelo entrecruzar dos que se filiam a totens diferentes). O objetivo dele era provar que a estrutura dos mitos era idêntica em qualquer canto da Terra, confirmando assim que a estrutura mental da humanidade é a mesma, independentemente da raça, clima ou religião adotada ou praticada. Contrapondo o mito à história ele separou as sociedades humanas em "frias" e "quentes", formando então o seguinte quadro:

Sociedades "frias" (primitivas)	Sociedades "quentes" (civilizadas)
Encontram-se "fora da história", orientando-se pelo modo mítico de pensar, sendo que o mito é definido como "máquinas de supressão do tempo".	Movem-se dentro da história, com ênfase no progresso, estando em constante transformação tecnológica.

Partindo-se das idéias de *Saussure*, do lingüista Roman *Jakobson*, e do antropólogo *Lévi-Strauss*, especificaram-se quatro procedimentos básicos ao estruturalismo:

1. A análise estrutural examina as *infra-estruturas inconscientes dos fenômenos culturais*;
2. Considera os elementos da infra-estrutura como "relacionados" e não como entidades independentes;
3. Procura entender a coerência do sistema;

4. Propõem a contabilidade geral das leis para os testes padrões subjacentes no sentido da organização dos fenômenos.

A importância da narrativa

Nos estudos humanísticos e literários em geral, o estruturalismo foi aplicado o mais eficazmente no campo do “*narradologia*”. Esta disciplina, ainda nascente, estuda todas as narrativas, se elas ou não usam a língua, os mitos, as lendas, as novelas, a circulação das notícias, histórias, esculturas de relevo e janelas, as pantominas e os estudos de caso psicológicos. Usando métodos e princípios do estruturalismo, os narradologistas analisam as características e as funções sistemáticas das narrativas tentando estabelecer e isolar um jogo de regras finito para esclarecer o jogo infinito de narrativas reais e possíveis.

Começando nos 1960s, o crítico francês **Roland Barthes**² e diversos outros narradologistas franceses, popularizaram o método, que tem desde então transformado um método de análise importante também nos Estados Unidos.

Estruturalismo, marxismo e freudismo.

Ao avaliar as *estruturas profundas*, subjacentes, que se ocultam por detrás dos fenômenos, escapando do primeiro olhar humano, o estruturalismo aproxima-se das visões de Marx (a infraestrutura econômica) e Freud (o poder do inconsciente). Ambos, como se sabe, entendiam os fenômenos sociais ou comportamentais como obrigatoriamente condicionados por forças impessoais (o Capitalismo, o Superego), deslocando, desde então, o problema do estudo da consciência ou das escolhas individuais para um quadro bem mais amplo, dos macro-sistemas. Ao contrário da ciência de inclinação liberal, para as correntes citadas acima, o indivíduo pouco contava. Tal como o marxismo e o freudismo, o estruturalismo diminui a importância do que é singular, subjetivo, individual, retratando o ser, a pessoa humana, como resultante de uma construção, a consequência de sistemas impessoais (no marxismo o indivíduo é marionete do sistema capitalista, na psicanálise, se bem que amparado no ego, ele é regido pelos impulsos do inconsciente, e na antropologia estrutural pelas relações de parentesco determinadas pelo totemismo).

Os indivíduos, por conseguinte, nem produzem nem controlam os códigos e as convenções que regem e envolvem a existência social deles, sua vida mental ou experiência lingüística (É o que Marx quis dizer quando afirmou que “os homens fazem a história, mas não estão conscientes disso”). Em consequência desse descaso do estruturalismo pela importância da pessoa, ou do assunto, por ter feito o homem desaparecer na complexa teia da organização social em que nasce e a que pertence, foi considerado pelos seus críticos como um “anti-humanismo”.

O estruturalismo - a semiologia e a semiótica

Tentando responder “o que é a palavra?”, que ele entendeu como um signo, formado por conceito (o significado) e som (o significante), Saussure deu os primeiros passos para a emergência de uma disciplina nova, uma ciência dos sinais e dos sistemas dos sinais que ele nomeou como **semiologia**,

² **Roland Barthes** nasceu em 1915 em Cherbourg (França), e se formou em Literatura Clássica e Filologia pela Sorbonne. Considerado um dos mais importantes críticos literários, Barthes fez a crítica das atitudes sociais e cotidianas e trabalhou em uma ciência geral dos signos. Com sua afirmação de que a unidade do texto não se encontra na origem, mas em sua destinação, ele defendeu o leitor e o crítico como criadores, junto com o autor, do sentido do texto. Morreu em 1980, atropelado em uma rua de Paris. Entre seus vários livros podemos citar *O grau zero da escrita* (1953), *Mitologias* (1957), *Elementos de semiologia* (1964), *Crítica e verdade* (1966), *O prazer do texto* (1973), *Fragments de um discurso amoroso* (1977) e *A câmara clara* (1980).

para qual se acreditou que a lingüística estrutural poderia fornecer a principal metodologia. Mais tarde, nos Estados Unidos, rebatizaram-na de *semiótica*. Em 1961, Lévi-Strauss situou a antropologia estrutural dentro do domínio do "semiologia". Cada vez mais os termos de *semiologia* e da *semiótica*, ciência decorrente da semiologia, vieram a designar um campo do estudo que analisa sistemas, códigos, e convenções de sinal de todos os tipos: do ser humano às línguas do animal, do jargão das formas ao léxico do alimento, das regras da narrativa popular às que compõe os sistemas fonológicos, dos códigos da arquitetura e da medicina às convenções do mito e da literatura.

Os derradeiros

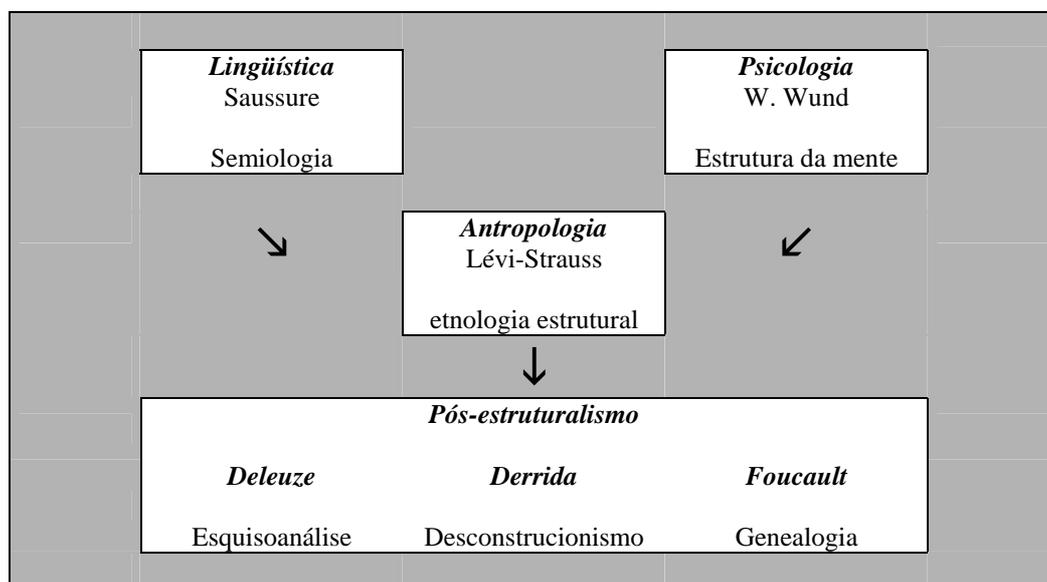


Michel Foucault, um dos mais expressivos pós-estruturalistas

O termo 'semiótica' substituiu gradualmente o de estruturalismo, e o surgimento da Associação Internacional para Estudos Semióticos, nos 1960s, solidificou ainda mais esta tendência. No momento em que a metodologia do estruturalismo estava se dissolvendo na disciplina da semiótica, uma reação crítica ocorreu, particularmente na França.

Surgiram projetos de antítese da parte de cismáticos, tais como *Gilles Deleuze*³ com sua "esquisoanálise", o "desconstrucionismo" de *Jacques Derrida* e a "genealogia" de *Michel Foucault*. Estas escolas críticas foram, porém, consideradas como marginais e, depois, etiquetadas dentro do conceito muito amplo do 'pós-estruturalismo'.

Organograma



³ **Gilles Deleuze** (1925-1995) nome destacado da nova geração filosófica francesa, nasceu em Paris e foi professor da Universidade de Paris VIII. Sob a influência de Nietzsche procurou estabelecer o conceito de diferença como o verdadeiro princípio da filosofia. "Um dia, talvez, o século seja deleuziano". Essa frase de Foucault mostra bem a importância de Deleuze, uma das figuras mais controversas e sedutoras da filosofia contemporânea. Gênio ardiloso ou inocente trapaceiro, qual é a singularidade desse filósofo excêntrico, cujo pensamento, para muitos, é sinônimo dos acontecimentos de maio de 1968? Opositor vigoroso dos que declaram a morte da filosofia, Deleuze mostrou em toda sua obra o que ela pode ainda oferecer e levou ao extremo o caráter mais clássico desta, seu espírito de sistema, definindo, entre a ciência e a filosofia, as condições de uma nova aliança que tivesse os traços de uma filosofia da natureza. Para Deleuze, a relação da filosofia com as formas não-filosóficas do pensamento – a arte e a ciência – deve ser de fundamental igualdade. A arte, a ciência e a filosofia são formas de saber diferentes, mas de igual valor. Ao destacar a potência de conhecimento da criação artística, Deleuze reverte a posição tradicional da filosofia, que reservava à arte um papel secundário dentro do sistema da cultura.

Citações

A inutilidade do pensamento científico

"De fato, na história da humanidade aconteceu um fenômeno importante, capital, que é o nascimento do pensamento científico e seu desenvolvimento. Esse fato é um valor intrínseco, em si mesmo, que eu realmente coloco fora do relativismo cultural. Agora, se você olha as coisas um pouco mais do alto, dirá que esse pensamento científico que respeitamos e que nos apaixona em seus progressos passo a passo, que se efetua no decorrer dos séculos, anos ou dias, é na realidade profundamente vão. Já que o que nos ensina é, ao mesmo tempo, a melhor compreender as coisas em seus detalhes e que não podemos jamais compreender na totalidade, no conjunto.

O pensamento científico, ao mesmo tempo em que alimenta nossa reflexão e aumenta nossos conhecimentos, mostra a insignificância última desse conhecimento. Depende do seu ponto de vista e do nível, que é o nosso, o do homem do século XX, do mundo ocidental, o pensamento científico é algo essencial, fundamental, e devemos utilizá-lo. Porém, se nos tornamos metafísicos, diremos que de fato ele é essencial, mas ao mesmo tempo é preciso saber que não serve para nada".

(LÉVI-STRAUSS, C. Entrevista à Bernardo Carvalho, in FOLHA DE S. PAULO, 22 de outubro de 1989).

O estruturalismo - em favor da diversidade cultural

"A verdadeira contribuição das culturas não consiste numa lista das suas invenções particulares, mas na maneira diferenciada com que elas se apresentam. O sentimento de gratidão e de humildade de cada membro de uma cultura dada deve ter em relação a todas as demais não deve basear-se senão numa só convicção: a de que as outras culturas são diferentes, de uma maneira a mais variada e se a natureza última das suas diferenças nos escapa... deve-se a que foram imperfeitamente penetradas.

Se a nossa demonstração é válida não há nem pode haver uma civilização mundial no seu sentido absoluto, porque civilização implica na coexistência de culturas que oferecem o máximo de diversidade entre elas, consistindo mesmo nesta coexistência. A civilização mundial não será outra coisa que a coalizão de culturas em escala mundial, preservando cada uma delas a sua originalidade".

Lévi-Strauss - Antropologia estrutural

Bibliografia

Enciclopédia de Grolier. (de onde foi tirado o arcabouço deste texto).

Groethuysen, Bernard **"Antropologia Filosófica"** (Lisboa, Presença, 1982).

Lévi-Strauss, Claude.

"Antropologia Estrutural" (RJ, Tempo Brasileiro, 1970).

"O Pensamento Selvagem" (SP, Nacional, 1976).

"As estruturas elementares do parentesco" (Petrópolis, RJ, Vozes, 1982).

"Tristes Trópicos" (Lisboa, Edições 70, 1979).

Malinowski, R. **"Uma teoria científica da cultura"** (RJ, Zahar, 1962).